

## Sondagens Arqueológicas no Castro do Monte do Padrão, em Santo Tirso\*

Manuela Martins

### 1. Introdução

No âmbito da colaboração estabelecida entre a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte e a Câmara Municipal de Santo Tirso, realizaram-se, no Verão de 1985, trabalhos arqueológicos no castro do Monte do Padrão, em Santo Tirso. Esses trabalhos inscrevem-se num programa, iniciado em 1984, que visa a valorização e divulgação das ruínas arqueológicas existentes no povoado, postas a descoberto nos anos 50. Pretende-se, num futuro próximo, vir a inserir esta estação num roteiro dos sítios e monumentos arqueológicos da região de Entre Douro e Minho.

Os trabalhos aí realizados consistiram na limpeza e conservação das estruturas existentes no tabuleiro superior do monte e na abertura de 4 pequenas sondagens<sup>1</sup> que, articulando-se com os trabalhos de preservação em curso, permitiram observar a estratigrafia relacionada com um dos edifícios mais interessantes da estação, a *domus* romana.

Os resultados globais desta intervenção serão publicados oportunamente e inseridos num estudo mais amplo deste sítio arqueológico.

Todavia, a identificação em duas das sondagens realizadas de materiais atribuíveis ao Bronze Final, dos quais se destacam alguns fragmentos de cerâmica com decoração Boquique tipo Cogotas I, justifica aqui uma breve notícia sobre esta intervenção.

\* Desenho de espólio: Maria Felismina Vilas Boas

Cortes: Jesus Pires Martinho

Fotografia: Jesus Pires Martinho

---

<sup>1</sup> Os trabalhos foram dirigidos por Francisco Sande Lemos, Presidente da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e Director do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte. Contaram com a colaboração de Jesus Manuel Pires Martinho, técnico de campo e ainda de várias equipas de estudantes do ensino secundário, contratados pela Câmara Municipal de Santo Tirso, dentro de um programa de ocupação dos tempos livres. Os trabalhos foram integralmente subsidiados pelo município de Santo Tirso.

## 2. Localização e contexto geográfico

O castro do Monte do Padrão situa-se no monte do mesmo nome, na margem esquerda do rio Ave, poucos quilómetros a SE da cidade de Santo Tirso (Est. I, 2). Pertence à freguesia de Monte Córdova, do concelho de Santo Tirso, no distrito do Porto.

As coordenadas geográficas do sítio são, segundo a folha n.º 98 da carta 1:25.000 dos S.C.E., levantamento de 1973, as seguintes: 41° 18' 53" N; 8° 26' 51" W (Greenw.).

O Monte do Padrão insere-se no maciço montanhoso conhecido por Monte Córdova, correspondendo a um dos relevos mais significativos da sua franja oeste, que desce sobre o largo e fértil vale do Ave. O monte ocupa, por isso, uma posição topográfica de destaque na região.

O topo do monte é largo e razoavelmente extenso. O marco geodésico aí implantado assinala a cota de 413 m de altitude. Os lados oeste, norte e sul possuem vertentes com pendor acentuado que descem para o vale. No lado este, a vertente é mais suave, ligando-se a uma zona interior do maciço montanhoso, com características semi-planálticas.

O substrato rochoso é granítico e está coberto por um solo de espessura variável. Na zona mais alta do monte a rocha aflora com frequência à superfície.

O Monte do Padrão encontra-se rodeado por diversos cursos de água, alguns dos quais têm origem nas suas vertentes: a Norte, Oeste e Sul dominam os subafluentes do rio Sanguinhedo que corre para o Ave; a Este e SE encontramos o rio Leça com alguns dos seus afluentes.

O acesso à estação pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direcção a Quinchães, tomando, em seguida, o caminho florestal que dá acesso à capela da Sra. do Padrão.

## 3. Caracterização do povoado

Os vestígios arqueológicos actualmente visíveis no povoado localizam-se na parte mais alta do monte, caracterizada por uma larga e extensa plataforma, limitada pela curva de nível dos 400 m.

Foi nesse local que Carlos Faya Santarém realizou, nos anos 50, extensas escavações que noticiaria no Boletim da Câmara Municipal de Santo Tirso (SANTARÉM 1951, 49-66; 1955, 397-429).

Quer as ruínas actualmente visíveis no povoado, quer o espólio exumado naquelas escavações, recolhido no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, deixam perceber dois momentos distintos de ocupação.

O mais antigo, corresponde à Idade do Ferro da região. A ele pertencem os fragmentos de cerâmica de fabrico micáceo, tanto manuais, como feitos a torno, a maioria dos quais se insere já num momento tardio daquele período, anunciando a romanização. A esse momento deverá pertencer a única casa circular existente no tabuleiro superior e a muralha que limita a zona mais alta do povoado.

Ao outro momento de ocupação pertencem os dois grandes edifícios romanos que ocupam a parte central da plataforma. Um desses edifícios é constituído por uma *domus* de planta quadrada, com átrio central lajeado, à volta do qual se desenvolvem vários compartimentos.

Anexo a este corpo residencial encontramos um pequeno conjunto, de planta irregular, que pode corresponder a uma área de serviços. O outro edifício tem planta rectangular. A sua configuração permite admitir que possa ter sido usado com uma função agro-pastoril.

O espólio cerâmico procedente da escavação destas duas estruturas sugere a sua longa utilização, entre os sécs. I e IV.

#### 4. As sondagens

Das 4 sondagens efectuadas em 1985, merecem especial destaque aquelas que foram designadas por M1 e M2, implantadas entre o muro leste da *domus* e a muralha e abrangendo o espaço situado entre aquelas estruturas. A sondagem M1 tem 8 m de comprimento por 4 m de largura. A M2 tem 6 m por 2 m de largura.

A sequência de camadas observada nos dois cortes é basicamente a mesma pelo que tomámos como referência, para a descrição estratigráfica do sítio, o perfil sul da zona M2, por ser o mais completo.

##### 4.1. Estratigrafia

Conforme se observa na estampa II, as camadas que se sobrepõem ao areão granítico que cobre a rocha, revelam um certo pendor que acompanha a inclinação desta parte da vertente.

Imediatamente sobre o saibro encontramos a camada 1 composta por areia grossa, de cor amarelada. Não forneceu qualquer espólio e parece corresponder a um depósito formado por arrastamento do areão granítico desagregado, proveniente da plataforma. A camada 2 cobre parcialmente a anterior e é bastante mais espessa. É composta por terra argilosa castanha, bastante homogénea. O estreito nível 2a corresponde a uma bolsa de argila amarela alaranjada, limitada na parte superior e na base por um fino nível de carvões. O nível 2b é formado por terra argilosa cinzenta. A camada 3 corresponde a um aterro que integra terras de tonalidades variáveis, entre o amarelo e o castanho. O nível 3a é formado por terra negra e o 3b por terra cinzenta. Parte das terras que compõem esta camada pode ter resultado da abertura da vala de fundação da muralha. A camada 4 compõe-se de terra castanha argilosa e apresenta pontos de carvão dispersos. A camada 5 corresponde à vala de fundação da muralha e é composta por terra amarela misturada com saibro e alguns elementos graníticos. Esta vala cortou a camada 2 e o nível 2b.

A vala de fundação da parede este do edifício constitui a camada 6, na qual são visíveis dois níveis distintos: o nível 6a é caracterizado por um enchimento de blocos graníticos de variadas dimensões, numa matriz amarelada; o nível 6b é composto por terra amarela argilosa.

A disposição e características das camadas observadas nas duas sondagens permitem-nos admitir que se tenham sobreposto por aterros sucessivos. A camada 2, pelo volume e estado de fragmentação da cerâmica, parece corresponder a uma camada detrítica. As camadas 3 e 4 constituem aterros de saibro e terras aparentemente procedentes da plataforma superior.

A zona escavada parece assim ter funcionado como área periférica do núcleo do povoado, que deveria localizar-se no tabuleiro superior do monte.

#### 4.2. Espólio

Não cabendo no âmbito desta notícia um estudo exaustivo do espólio procedente da escavação dos cortes M1 e M2 vamos limitar-nos a apresentar algum material que nos parece mais significativo e que ilustra um momento da ocupação do castro do Monte do Padrão até agora desconhecido.

Do ponto de vista estratigráfico é, sem dúvida, a cerâmica proveniente da camada 2 que nos merece maior atenção. Em primeiro lugar, pelo elevado número de fragmentos aí encontrados (cerca de 1.500), depois porque o conjunto desses fragmentos parece revelar uma certa homogeneidade cronológica e cultural.

Apesar da cerâmica estar muito fracturada foi possível, graças ao elevado número de bordos analisado, constatar a ocorrência de algumas formas que acompanham os fragmentos decorados com técnica Boquique. Distinguímos os seguintes grupos morfológicos:

— **taças carenadas** — apresentam diferentes dimensões; os seus bordos são, ou ligeiramente esvasados (Est. III, 1 e 3), ou reentrantes (Est. III, 2), quase sempre rematando em lábios convexos; as carenas são normalmente médias e mais raramente baixas e de um modo geral pouco acentuadas (Est. III, 2 e 4); uma das peças possuía asas, de secção arredondada (Est. III, 4); alguns exemplares possuíam mamilos sobre a carena, por vezes com perfuração vertical (Est. III, 7); o fabrico destes recipientes é de boa qualidade; as pastas são finas e possuem pequenos elementos de desengordurante bem distribuídos; as superfícies apresentam-se bem polidas; as cores dominantes são o castanho escuro e o cinzento;

— **potes** — incluímos neste grupo um número bastante elevado de fragmentos de peças, de perfis diferenciados, mas que apresentam geralmente a superfície externa coberta de fuligem, o que indica a sua clara utilização sobre o lume; os seus diâmetros são variados, mas dominam os recipientes de capacidade média; as peças apresentam perfis em S, mais ou menos acentuados, com bordos esvasados (Ests. III, 9 e IV, 3), reentrantes (Ests. III, 10 e IV, 2), ou quase direitos (Est. IV, 3), possuindo nos dois últimos casos uma pança de tipo ovóide; as pastas dos fragmentos pertencentes a este grupo são geralmente grosseiras, apresentando abundantes grãos de quartzo; as superfícies foram alisadas; uma das peças integrada neste grupo, com perfil em S e bordo contracurvado, possuía asas (Est. IV, 4) e não revelava qualquer evidência de ter sido usada como recipiente de cozinha;

— **vasos tronco-cónicos** — este grupo aparece representado apenas por fragmentos de dois recipientes; um deles possui perfil completo, revelando uma carena alta, paredes quase direitas e fundo ligeiramente convexo (Est. V, 1); no outro exemplar observa-se um arranque de asa; mostra paredes mais divergentes, mas regista também uma ligeira carena; possuiria provavelmente um fundo convexo (Est. V, 2); o fabrico destas peças é grosseiro; apresentam abundantes grãos de quartzo e as superfícies são pouco alisadas; as paredes são espessas.

Dos cinco fragmentos decorados com técnica Boquique, quatro procedem da camada 2. Pertencem a recipientes diferentes e registam também pastas bastante diferenciadas. Todavia, é possível considerar o seu fabrico como local, uma vez que as pastas são idênticas às de outros fragmentos observados, pertencentes a outras formas.

A técnica de decoração é basicamente a mesma. Os motivos foram obtidos por incisão feita com um punção de ponta romba.

A organização decorativa é diferente de fragmento para fragmento. Estes são, todavia, demasiado pequenos para permitirem uma clara compreensão do desenvolvimento dos temas. Dois dos fragmentos ostentam motivos em grinalda (Est. V, 4 e 6). Um deles mostra claros vestígios de incrustação de pasta branca (Est. V, 4). O mesmo acontece com um outro fragmento procedente da camada 4 (Est. V, 7), que apresenta, contudo, uma técnica de decoração diferente: neste caso o punctionamento foi feito sobre um sulco horizontal, obtendo-se um efeito decorativo bastante diferente.

Dos restantes materiais que acompanham a cerâmica desta camada destacamos um fragmento de um machado polido e um peso de cerâmica. O machado é de quartzite de grão muito fino e tem secção sub-circular (Est. IV, 5). O peso tem forma discóide e apresenta uma perfuração central (Est. IV, 6).

## 5. Considerações finais

Os resultados obtidos na escavação das sondagens M1 e M2, aqui sumariamente apresentados, justificam algumas reflexões, sobretudo relativas ao espólio exumado na camada 2. Esta, correspondendo a um depósito, provavelmente detrítico, testemunha um momento da vida do povoado em que aparecem representados vários tipos de cerâmica, que reflectem diferentes influências.

A maioria dos fragmentos analisados corresponde a uma cerâmica lisa de fabrico manual, com pastas grosseiras, cozedura regular e uma presença de micas pouco significativa. Alguns dos bordos observados lembram formas presentes em estações do Norte de Portugal, como o Alto da Caldeira (JORGE 1981, 71-75), ou Monte Calvo (GONÇALVES 1981, fig. 9, n.ºs 1 e 2), ambas no concelho de Baião<sup>2</sup>.

Esta cerâmica surge, também, na região do NW, em povoados com preocupações defensivas mais evidentes, regra geral associada a cerâmicas de fabrico mais cuidado, com superfícies bem polidas, cuja forma principal é a taça carenada. Estes recipientes com uma larga representação nos castros do Norte de Portugal<sup>3</sup>, têm sido relacionados com o mundo das cerâmicas tipo «Alpiarça», cujas formas foram sistematizadas por Gustavo Marques e M. de Andrade (MARQUES *et alii* 1974, 141) e tipo «Baiões», esta última conhecida a partir dos trabalhos de Philine

---

<sup>2</sup> Temos observado o aparecimento deste tipo de cerâmica em vários castros onde temos realizado escavações, nomeadamente na Citânia de S. Julião, no castro do Barbudo, em Vila Verde e no povoado de Santa Marta da Falperra, em Braga.

<sup>3</sup> Até ao momento este tipo de cerâmica é conhecido nos seguintes castros do Norte de Portugal: Roriz, Barcelos (ALMEIDA *et alii* 1980, 29-36); Sto. Estevão da Facha, Ponte de Lima (ALMEIDA *et alii* 1980); castro do Peso, Viana do Castelo (SOEIRO 1981, 99-100); citânia de S. Julião, Vila Verde (MARTINS 1986b); castro do Barbudo, Vila Verde; Santa Marta da Falperra, Braga; castelo de Aguiar, Vila Pouca de Aguiar; Alvarelhos, Santo Tirso; Santiago, Chaves. Os últimos achados referidos encontram-se na sua maior parte ainda inéditos.

KALB (1978, 112-138) e do Pe. Celso Tavares da SILVA (1979, 510-531).

A inclusão generalizada destes materiais no Bronze Final tem permitido assinalar nos castros do Norte do país a presença de uma ocupação dessa época, a partir da qual se tem fixado o desenvolvimento das comunidades instaladas neste tipo de habitat e que corresponde, por conseguinte, ao início da cultura castreja do Noroeste (ALMEIDA 1980, 63-64, 89; ALMEIDA 1983, 70-71; SILVA 1983, 84-126).

Este tipo de recipientes aparece bem representado na ocupação mais antiga do povoado de S. Julião, em Vila Verde, para a qual dispomos, de momento, de duas datas absolutas obtidas por C. 14, que ajudam a situar estes materiais, nas regiões do NW, entre os séculos X/IX e VII a.C. (MARTINS 1986a, 159-160; Idem 1986b).

Devemos, todavia, salientar que, se a presença de taças carenadas nos castros constitui já uma constante, encontramos também este género de recipientes em povoados, normalmente inseridos no Bronze Final, mas que não registam ocupação na Idade do Ferro, como é o caso de Castelo de Matos (QUEIROGA 1984, 105-116), ou do Alto da Caldeira (JORGE 1981, 67-76). Esse facto, pode constituir um indício da existência de estratégias de ocupação diversificadas, num período cronológico-cultural ainda mal sistematizado na região Norte do país e cujo significado por ora nos escapa.

Para além de uma clara influência meridional testemunhada nas cerâmicas carenadas do Monte do Padrão, temos a registar neste povoado uma influência, não menos importante, no contexto do Bronze Final do Noroeste, de uma outra área peninsular: a Meseta Norte. Esta influência faz-se sentir pela presença de cerâmica com decoração Boquique, tipo Cogotas I.

No Norte de Portugal este tipo de cerâmica pode apenas ser referenciado, com segurança, no concelho de Baião, na necrópole do Tapado da Caldeira (JORGE 1980, 36-43), e no povoado da Bouça do Frade. Os achados de cerâmica incisa, com técnica Boquique, dos povoados de Mairós e S. Lourenço, na região de Chaves, correspondem a uma ocupação mais antiga, provavelmente Calcolítica<sup>4</sup>, dada a sua clara associação a cerâmicas tipo «Penha» (JORGE 1983-84). O mesmo parece acontecer com alguns fragmentos de cerâmica, referidos como aparentados com o tipo «Boquique», descobertos no castro de Faria, Barcelos (ALMEIDA 1985, 51).

O vaso da sepultura 3 da necrópole do Tapado da Caldeira, decorado com técnica Boquique é excisa, constitui o achado mais significativo deste género de cerâmica, no Noroeste, indicando, quer a influência cultural do mundo de Cogotas I nesta região, quer a sua clara expansão para Ocidente.

Para além das cerâmicas carenadas e da cerâmica com decoração Boquique, que aparecem associadas a cerâmicas lisas de feição local, temos ainda a registar, no Monte do Padrão, o

---

4 Agradecemos a Susana Oliveira Jorge, assistente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto as informações que teve a gentileza de nos fornecer, referentes a estações por ela escavadas e cujos dados não foram ainda publicados. Essas informações dizem respeito ao aparecimento de cerâmicas com decoração incisa, integrável no mundo de Cogotas I, no povoado da Bouça do Frade, em Baião e ainda à classificação das cerâmicas com técnica Boquique, de Mairós e S. Lourenço como cerâmicas Calcolíticas.

aparecimento de dois recipientes que se inserem na grande família dos vasos tronco-cónicos, mas que revelam também influências da cerâmica carenada, ao nível da parte superior da pança.

Sendo forte a expressão deste tipo de recipientes no território do Norte de Portugal, não deixa de ser interessante constatar a sua presença num contexto de habitat inserível no Bronze Final. Com efeito, este tipo de vasos parece ter uma clara vocação funerária, aparecendo, quer em monumentos megalíticos, quer em tumulações da Idade do Bronze<sup>5</sup>. Até ao momento, a única excepção constatada a essa situação refere-se à estação de Areias Altas, Porto, que corresponde aparentemente a um povoado (CORTEZ 1953). Há ainda a registar o aparecimento de um vaso tronco-cónico associado a um esconderijo (SOEIRO 1982, 62-67).

O conjunto das cerâmicas agora descoberto no Monte do Padrão, permitindo testemunhar um momento da ocupação do povoado que pode ser atribuído ao Bronze Final, vem revelar mais uma vez a diversidade de influências que se cruzam nesse momento da Proto-História do Noroeste português e que havia já sido constatada noutras estações, nomeadamente na necrópole do Tapado da Caldeira (JORGE 1980, 47-48).

---

<sup>5</sup> Os vasos tronco-cónicos estão referenciados em numerosos monumentos megalíticos a Norte do Mondego. O seu aparecimento está igualmente testemunhado em tumulações secundárias de monumentos desse tipo, atribuíveis já à Idade do Bronze, como na mamoa I de Outeiro de Gregos (JORGE 1980, 29-50) sendo frequente o seu aparecimento em necrópoles de cistas, como a de Chã de Arefe, Barcelos (SILVA *et alii* 1981, 49-61). Embora o estudo sistemático destes recipientes esteja ainda por fazer é de destacar o esforço realizado nos últimos anos no sentido de publicar esse material em depósito nos nossos museus (SANCHES 1980, 12-19; 1981, 88-98; 1982, 56-61; BETTENCOURT 1982, 40-43; VILAÇA 1984, 45-52).

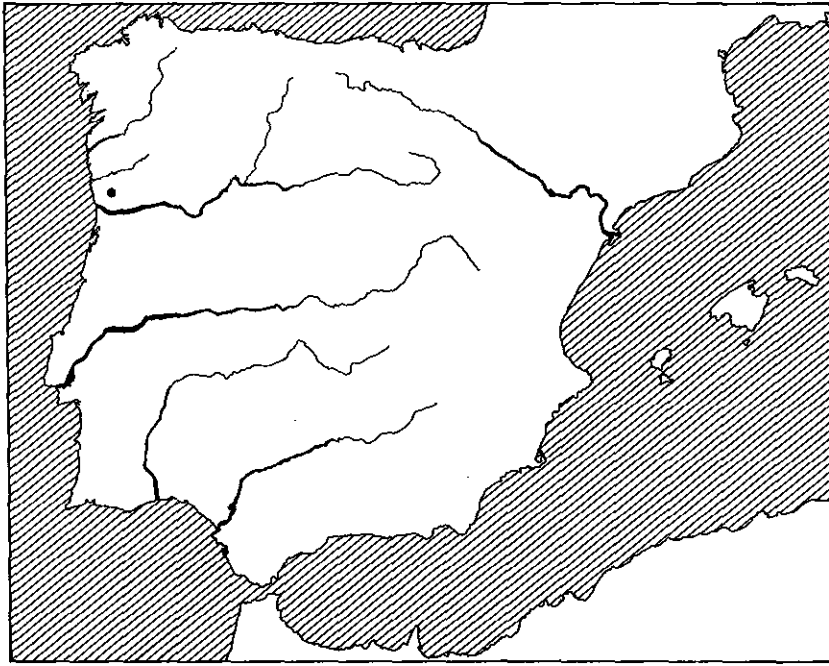
## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. Brochado e M. Teresa Soeiro (1980) — Sondagens nos castros de Abade do Neiva e Roriz (Barcelos, 1978), *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães, pp. 29-36.
- ALMEIDA, C. A. Brochado de (1985) — Castelo de Faria — 1982. Barcelos, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 50-51.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, Teresa Soeiro, C. A. Brochado de Almeida e A. J. Baptista (1980) — *Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha*, Sep. do Arquivo de Ponte de Lima, Ponte de Lima.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de (1983) — Cultura Castreja. Evolução e problemática, *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 70-74.
- BETTENCOURT, Ana Maria (1982) — A propósito de um vaso tronco-cónico do Museu de Aveiro, *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 40-43.
- CORTEZ, Russel (1953) — Aspectos do neolítico de Portugal, *Archivo de Prehistoria Levantina*, IV, Valencia, pp.
- GONÇALVES, A. Huet de Bacelar (1981) — A estação pré-histórica do Monte Calvo-Baião. Notícia Preliminar, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 77-87.
- JORGE, Susana de Oliveira (1980) — A necrópole do Tapado da Caldeira. Baião, *Portugália*, (N/S), I, Porto, pp. 29-50.

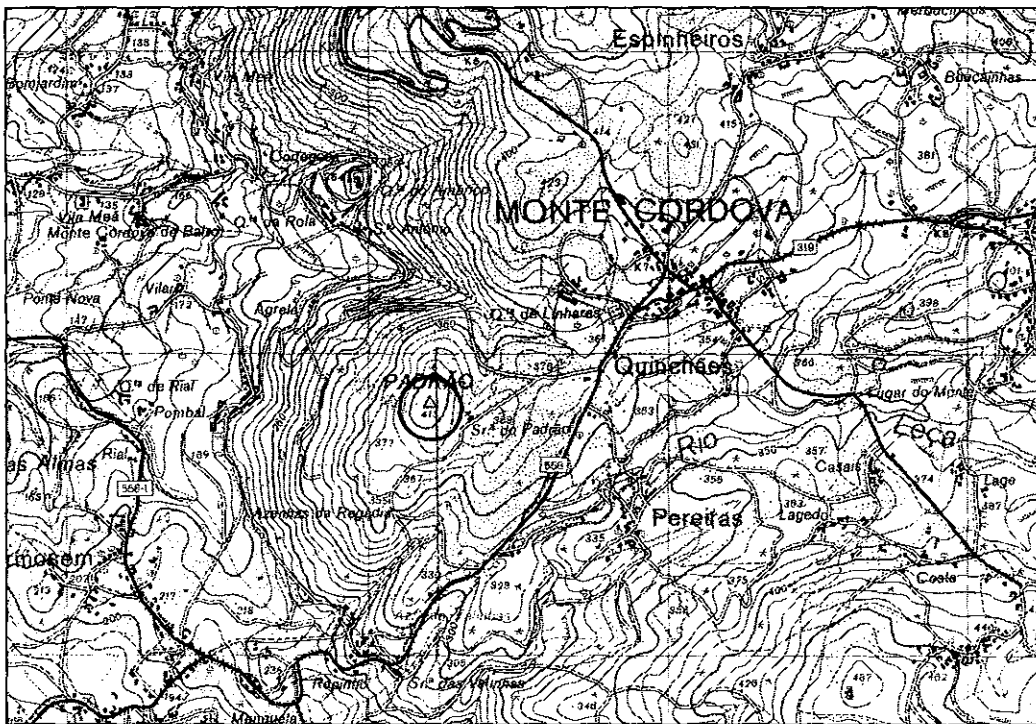
- , (1981) — Sondagens Arqueológicas na estação do Alto da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 67-76.
- , (1983-84) — Aspectos da evolução da Pré-história do Norte de Portugal durante o III.º e II.º milénios a.C., *Portugália*, (N/S), IV-V, Porto, pp. 99-109.
- , (1985) — Datas de Carbono 14 para a Pré-história recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas, *Arqueologia*, 12, Porto, pp. 154-183.
- JORGE, Victor Oliveira (1980) — Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, *Portugália*, (N/S), 1, Porto, pp. 9-27.
- KALB, Philine (1978) — Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung auf einer Hohensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 19, Madrid, pp. 112-138.
- , (1979) — Contribuición para el estudio del Bronce Atlántico: excavaciones en el Castro «Senhora da Guia» de Baiões (concelho de S. Pedro do Sul), *Crónica de XV Congreso Arqueológico Nacional, Lugo*, 1977, pp. 581-590.
- MARQUES, Gustavo e M. de Andrade (1974) — Aspectos da proto-história do território português. 1 — Definição e distribuição geográfica da cultura de Alpiarça (Idade do Ferro), *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, pp. 125-148.
- MARTINS, Manuela (1986 a) — Duas datas de C14 para a ocupação do Bronze Final do povoado de S. Julião (Vila Verde), *Arqueologia*, 13, Porto, pp. 159-160.
- , (1986 b) — A ocupação do Bronze Final da citânia de S. Julião. Caracterização e cronologia, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto (no prelo).
- QUEIROGA, Francisco (1984) — Escavações arqueológicas em Castelo de Matos — Notícia preliminar, *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 105-116.
- SANCHES, M. de Jesus (1980) — Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia*, 1, Porto, pp. 12-19.
- , (1981) — Vasos da estação arqueológica do Corvilho-Santo Tirso, *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 56-61.
- , (1981) — Recipientes cerâmicos da P. História recente do Norte de Portugal, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 88-98.
- SANTARÉM, C. Faya (1951) — O castro do Monte do Padrão, *O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural*, 1, n.º 1, Porto, pp. 49-66.
- , (1955) — O castro do Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54, *O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural*, 3, n.º 4, Porto, pp. 397-429.
- SILVA, A. Coelho, A. Baptista Lopes, Tarcísio P. Maciel (1981) — A necrópole do Bronze Inicial de Chã de Arefe (Durrães, Barcelos), *Arquivo do Alto Minho*, Viana do Castelo, pp. 49-61.
- SILVA A. Coelho, (1983-84) — A cultura castreja no Noroeste de Portugal: Habitat e cronologias, *Portugália*, (N/S), IV-V, Porto, pp. 121-129.
- SILVA, Celso Távares da (1979) — O castro de Baiões (S. Pedro do Sul), *Beira Alta*, 38, 3, Viseu, pp. 510-531.
- SOEIRO, Teresa (1981) — Castro de Peso em Sta. Leocádia de Geraz de Lima, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 99-102.
- , (1982) — Esconderijo de Sequeade (Barcelos), *Arqueologia*, 5, Porto, pp. 62-67.
- VILAÇA, Raquel (1984) — O vaso tronco-cónico da Sobreda (Oliveira do Hospital), *Arqueologia*, 9, Porto, pp. 45-52.



ESTAMPA I



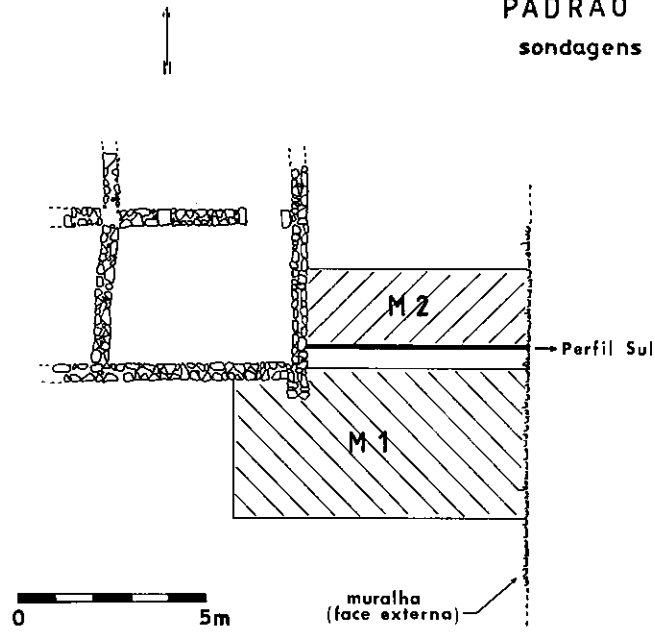
1 Localização do Monte do Padrão (Santo Tirso) na Península Ibérica.



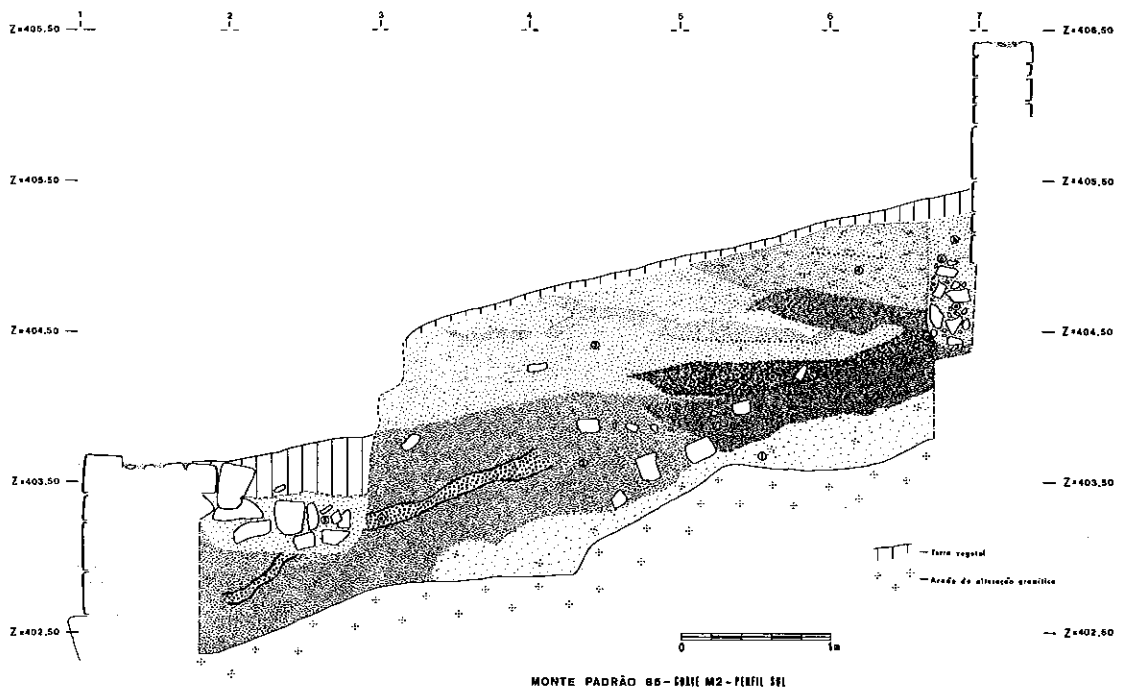
2 Localização do Castelo do Monte do Padrão (Carta militar n.º 98. Esc. 1:25 000).

ESTAMPA II

PADRÃO 85  
sondagens

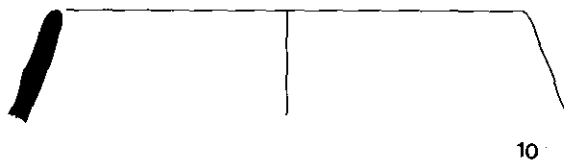
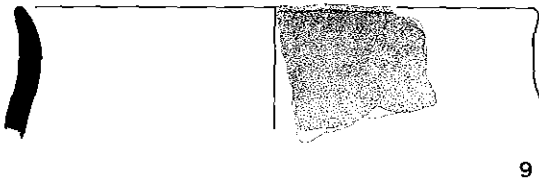
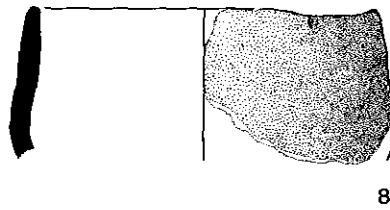
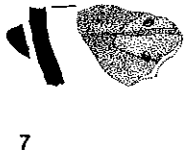
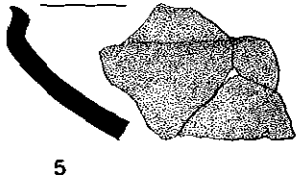
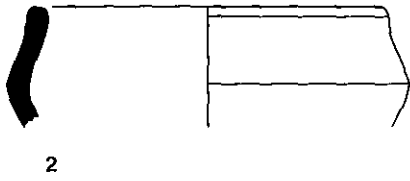
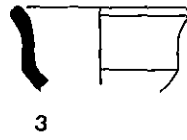


1 Localização das sondagens de 1985 em relação ao edifício da domus (Esc. 1:200).



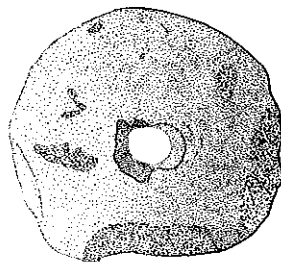
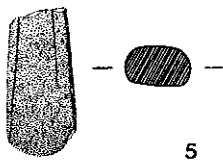
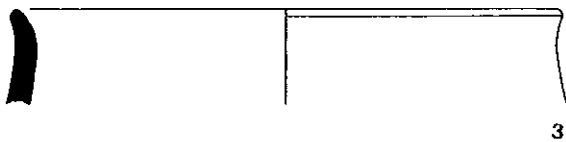
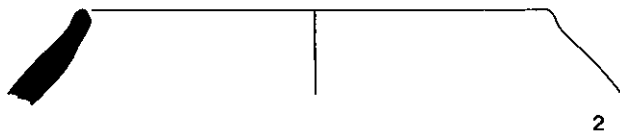
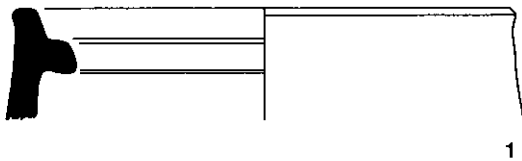
2 Leitura estratigráfica do perfil sul do corte M1 (Esc. 1:50).

ESTAMPA III



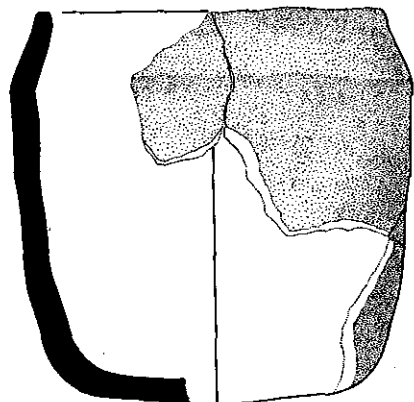
Cerâmica da camada 2 (Esc. 1:3).

ESTAMPA IV

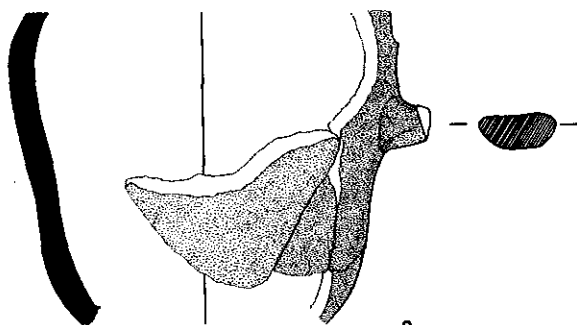


Cerâmica da camada 2 (Esc. 1:3).

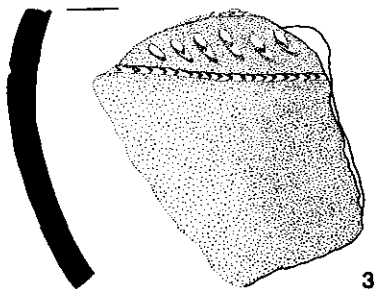
ESTAMPA V



1



2



3



4



6



5



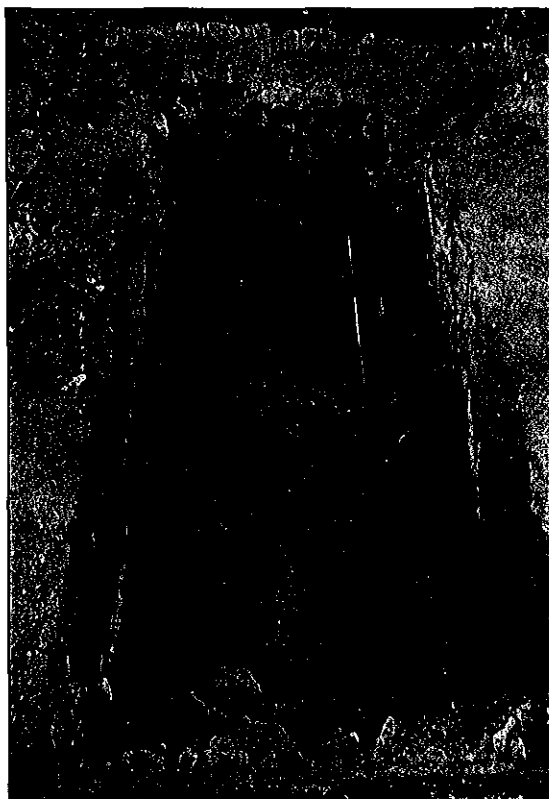
7

Cerâmica das camadas 2 (n.º 1 a 6) e 4 (n.º 7). N.ºs 1 e 2 (Esc. 1:3); 3 a 7 (1:2).

ESTAMPA VI



1 Panorâmica do tabuleiro superior do Monte do Padrão.



2 Perspectiva do corte M1.